

Jesus, um griot na Palestina: um olhar para as parábolas em Mateus e Marcos

*Jesus, a palestinian griot:
a look at the parables in Matthew and Mark*

Josias Vieira do Nascimento Junior

Resumo

Naquilo que diz respeito às parábolas em Mateus e Marcos, implica dizer da riqueza de contexto e até mesmo da própria metodologia. Com isso, a hermenêutica, neste artigo, contemplará, para além do conteúdo da mensagem, outras variáveis que podem ser observadas, tais como o ambiente vital, público ouvinte, leitor e o perfil do próprio evangelista. O artigo está diante da necessidade de um processo hermenêutico histórico crítico que observa as parábolas de Jesus diante dos ensinamentos do mestre. De um mestre griot e sua habilidade de contador de histórias e histórias que leva ouvintes, leitores, redatores e pesquisadores à imensa possibilidade de aprendizado. As parábolas de Jesus se estendem para muito além do que se tem por conhecimento do próprio termo “parábola”. Como no pensamento de Paulo Freire, fica implícito que Cristo tinha por objetivo trabalhar sobre a posição de inconcluso do ser humano, mas aberto à possibilidade de um novo aprendizado, ou mesmo uma mensagem nova proposta, muitas vezes, pela mesma perícopes. Isso implica pensar sobre o fato de se a Palavra de Deus é a que fora proferida ou quem a profere.

Palavras-chave: Parábolas. Hermenêutica. Ensino. Interpretação.

Abstract

With regard to the parables in Matthew and Mark, this implies a richness in context and even in the methodology itself. And with this hermeneutics in this article will contemplate, in addition to the content of the message, other variables that can be observed, such as the vital environment, listening and reading public, and the profile of the evangelist himself. The article is faced with the need for a critical historical hermeneutic process that observes Jesus' parables in light of the master's teachings. From a master griot and his ability to tell stories and stories that leads listeners, readers, writers and researchers to the immense possibility of learning. Jesus' parables extend far beyond what is known by the term “parable” itself. As in Paulo Freire's thought, it is perhaps implicit that Christ's objective was to work on the inconclusive position of human beings, but open to the possibility of new learning, or even a new message proposed, often through

the same idea. And this implies thinking about the fact whether the Word of God is the one that was spoken or the one who speaks it.

Keywords: Parables. Hermeneutics. Teaching. Interpretation.

Introdução

Contar histórias ou estórias é prerrogativa dos sábios e das sábias. Muito embora pareça, em primeiro momento, um ato simples, que se faz diante das crianças para ocupar seu tempo, há contações de estórias que não necessariamente têm lastro em fatos, e de histórias que se destinam a relatar a realidade do que ocorreu. De certo, ambas as modalidades se dão diante de mentes que, tal qual as das crianças, encontram-se ávidas pelo aprendizado, aprimoramento, ou mesmo satisfação da curiosidade ou ansiedade pelo desenrolar de um enredo que, a seu modo, apresente empolgação.

Assim são as contações conhecidas como parábolas de Jesus, contidas nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, conhecidos como sinóticos. Elas, geralmente, apresentam duas características particularmente similares aos cenários que envolvem sábios/as, mestres/as dos saberes, os/as griots¹, ou griots africanos/as: a) uma contação de um enredo factual ou fictício, mas com objetivos focados no aprendizado e, b) um público que a consome e faz dela semente para a espiritualidade que desabrocha na vida como uma inimaginável gama de interpretações. Esse é o cenário proposto para a atuação de um/a mestre/a griot – modo este pelo qual essa categoria será expressada daqui por diante.

Jesus é, inegavelmente, um mestre griot, muito embora não esteja expressa, no texto bíblico, essa definição para ele, tão pouco haja registros de que sua cultura sustentava essa alcunha para os mestres de seu povo. É inegável a semelhança entre as suas atividades e as desses/as sábios/as. Levando em conta que, entre os evangelhos sinóticos, o evangelho de Marcos tenha sido o primeiro, e os de Mateus e Lucas foram compostos a partir dele, ou mesmo o tendo como uma referência básica para que se abordasse a história de Jesus e seus ensinamentos, nesses textos, é possível encontrar uma enorme quantidade de evidências de que o movimento de Jesus, a exemplo dos mestres griots, trazia na oralidade da contação de estórias sua principal metodologia de ensino a respeito do cerne do seu ministério: a chegada e o estabelecimento do Reinado de Deus.

Neste pequeno trabalho, em que se abordam parábolas contidas nos evangelhos de

¹ “Nesse contexto, situa-se a figura do griot, o guardião da memória. Originado da expressão francesa, o termo griot, na cultura africana, significa contador de histórias, função designada ao ancião de uma tribo, conhecido por sua sabedoria e transmissão de conhecimento; figura presente na África tribal que percorre a savana para transmitir, oralmente, ao povo, fatos de sua história; é o agente responsável pela manutenção da tradição oral dos povos africanos, cantada, dançada e contada através dos mitos, das lendas, das cantigas, das danças e das canções épicas; é aquele que mantém a continuidade da tradição oral, a fonte de saberes e ensinamentos e que possibilita a integração de homens e mulheres, adultos e crianças no espaço e no tempo e nas tradições; é o poeta, o mestre, o estudioso, o músico, o dançarino, o conselheiro, o preservador da palavra”. MELO, M. C. do V., *A figura do Griot e a relação memória e narrativa*, p. 149.

Mateus e Marcos, inicia-se a explanação pelo livro de Marcos, levando-se em conta o prisma mencionado acima; posteriormente, aborda-se o mesmo tema em Mateus. Para a confecção do presente texto, lança-se mão, como leitura básica, dos livros “El Evangelio como Parábola – Metáfora, Narrativa y Teología em los Evangelios Sinópticos”, de John R. Donahue, e “Interpretando as Parábolas”, de Craig L. Blomberg. Um deles faz o caminho técnico da definição de parábola e seus desdobramentos e o outro traz orientações para a interpretação, ou mesmo, interpretações dessas obras da oralidade. Utiliza-se ainda como premissa decolonial o acompanhamento do livro “Hermenêutica Africana”, da teóloga queniana Dra. Elizaneth Mburu, mesmo a autora informando abertamente que seu livro não tem objetivos decoloniais, mas fazer hermenêutica a partir do olhar do povo negro africano, seja no continente ou em diáspora, é o fazer decolonialmente.

1. Jesus, um griot

Nesse enredo que introduz o pensamento, ou mesmo a observação sobre a metodologia das parábolas de Jesus em Mateus e Marcos, duas palavras são de suma importância para o estudo que se elabora nas próximas linhas. Essas palavras são “estória” e “ensinamentos”. Elas duas, tão presentes no movimento de Jesus, se apresentam na metodologia que o mestre usava para falar do Reinado de Deus, Vida Eterna e Reino dos Céus, que são correlatos nos sinóticos e são entregues no decorrer de sua oralidade e prática como mestre.

Sendo assim, o presente autor não pode deixar de perceber-se atravessado por seu próprio ambiente vital, no que concerne ao fato de ser um homem negro, de onde vem a observação quanto ao poder de ensino que brota da oralidade. Por essa razão, necessita deixar surgir, na superfície do fazer teológico ora apresentado, os atravessamentos hermenêuticos que são caros ao Sul Global, na leitura do movimento de Jesus e a interpretação das parábolas mencionadas que se encontram escritas nos evangelhos, mas apresentadas pela voz do mestre.

Nesse caso, o homem Jesus, o mestre histórico e base da fé cristã, lido por este artigo, será compreendido e observado como o griot africano que traz sobre si a incumbência de transmitir os valores, verdades e conhecimentos oriundos de seu território. No caso em questão, o território mencionado, muito embora a história ocorra naquele momento na Palestina, é, na verdade, o Reino de Deus. Isso, tomando como base para a compreensão de território, como ferramenta de melhor entendimento, o pensamento de Milton Santos que conduz à seguinte conclusão: se território é composto por todas as ligações possíveis entre as manifestações de vida – como livre interpretação deste autor –, o Reino de Deus é, então, esse território do qual Cristo fala por intermédio de suas parábolas, a fim de transmitir seus conceitos de implementação de vida plena, função principal do griot.

Elio Chaves Flores ajuda a compreender a função do griot ao descrever o agir de Abdias do Nascimento no desdobrar de seu trabalho panafricanista de poeta e dramaturgo no território onde se estabeleceu o estado brasileiro dizendo que:

Abdias Nascimento, com seus pronunciamentos políticos e suas sensibilidades dramáticas, atravessou essa temporalidade como incorporação do griot africano, aquele

que narrou, representou e denunciou o preconceito racial contra a África profunda existente no Brasil, especialmente nas andanças de exílio, pela África, Antilhas e Caribe e Estados Unidos, depois de 1968, quando o Teatro Experimental do Negro definha como experiência de uma dramaturgia negra.²

Assim o “griot”, como se tem chamado neste texto, é aquele que ensina, denuncia e apresenta uma ideia ou conhecimento através da narração. Assim era o Jesus histórico em seus ensinamentos, usando a oralidade como típico mestre africano para ensinar.

Esse entendimento resulta na afirmação de que está se falando de um mestre negro. Jesus é negro. E isso não se coloca apenas como uma comparação, senão uma constatação de que, não somente Jesus é negro por aproximação, ou empatia divina com as questões do oprimido, mas como oprimido de fato, por ter decidido encarnar nessa condição. Pensar apenas em empatia pode ser um exercício a partir da Cristologia Alta, que inicia a reflexão pelo logos, por cima. Mas, a Cristologia, em si, precisa iniciar por baixo, como diz Pannenberg: “primeiramente, a fé tem a ver com aquilo que Jesus era”.³ O Jesus histórico é um homem negro, pobre e periférico.

É fato constatado que:

A teologia negra deve demonstrar que a descrição de Jesus como Mestre Negro feita pelo pastor Albert Cleage não é produto de uma mente “deturpada” por sua própria condição de oprimido, mas, sim, a afirmação cristológica mais significativa de nossa época. Qualquer outra afirmação a respeito de Jesus Cristo é, na melhor das hipóteses, irrelevante e, na pior das hipóteses, blasfêmia.⁴

Ainda no trabalho do teólogo negro James Cone, ele diz a respeito de Jesus que:

Nós sabemos quem ele é quando nossa própria vida se encontra em uma situação de opressão e temos que tomar uma decisão favorável ou contrária à nossa condição. [...] A comunidade negra é uma comunidade de oprimidos, em primeiro lugar, por causa de sua negritude; então, a importância cristológica de Jesus deve ser encontrada em sua negritude. Se ele não for negro como nós somos, então, a ressurreição tem pouca relevância para nossa época. De fato, se ele não pode ser o que nós somos, nós não podemos ser quem ele é. Nossa existência como ele depende da existência dele conosco na comunidade de pessoas negras oprimidas, revelando-nos o que é necessário para nossa libertação.⁵

Precisa ser observado ainda que, do ponto de vista cultural, não somente é reducionista retirar a africanidade de Jesus como mestre dos saberes no território, como é violento do ponto de vista étnico, negar sua negritude. Sabendo que, em seu tempo, a cidade onde nasceu, Belém de Judá, era parte de África. Somente depois, com o advento da construção do Canal de Suez em 1859, Israel, que fazia parte da África, passa a figurar num ponto diferente do mapa. Desde então, a África é dividida geográfica, histórica,

² FLORES, E. C., Visões da África, cultura histórica e afro-brasilidade, p. 204.

³ PANNENBERG, W., Jesus God and Man, p. 105.

⁴ CONE, J. H., Teologia Negra, p. 191.

⁵ CONE, J. H., Teologia Negra, p. 198.

cultural e antropológicamente e, parte do que havia sido conhecido como África, passa a ser Ásia. Isso torna Jesus um afro-asiático.

Esses pontos necessitavam, inicialmente, ser demarcados, porque servem como orientadores que negritam o caminho por onde se vai pesquisar a metodologia contida nas parábolas de Jesus em Mateus e Marcos. Primeiramente, para buscar entender como esse Jesus pode ser entendido como um griot, o que leva o texto e liga essa característica à pergunta: como isso se apresenta em seu trabalho como mestre? Para responder a esse questionamento, o primeiro passo, então, é ter, por certo, a delimitação que se tem por parábola para, assim, compreender a metodologia do mestre.

1.1. O que se apresenta como “parábola” para a Teologia

Para início desse processo, faz-se necessária a conceituação do objetivo final do artigo, que é encontrar a metodologia presente nas parábolas de Jesus.

Nos materiais pesquisados, encontra-se um apontamento quanto ao modo de observar e interpretar as parábolas que, mesmo minoritariamente, mas em crescimento, vem sendo questionado e recebe a proposta de uma nova leitura, abordagem e interpretação dessa categoria da mensagem de Jesus. “Ao longo da história da igreja, a maioria dos cristãos interpretou as parábolas como alegoria.”⁶ Esse olhar permitiu que os estudiosos pensassem em uma contextualização da realidade espiritual a partir da narrativa, fazendo associações entre fatos e personagens com desdobramentos acerca da proposta da mensagem de Jesus. Mas não se pode perder de vista que as mensagens proferidas por ele sempre tiveram o intuito de apontar para o Reino de Deus, logo, sendo as alegorias figuras do que já é natural de um ambiente humano, se tornariam uma redução à mensagem principal, caso seja interpretada assim.

“Estudos acadêmicos recentes têm acertadamente rejeitado a interpretação da alegoria, preferindo a isso uma abordagem que permite a cada parábola ensinar apenas uma ideia principal.”⁷ Com isso, pensa-se, a despeito da alegoria, que podem existir aspectos internos à narrativa da narrativa que não se podem alegorizar, levando a fazer uma interpretação mais geral da contação da parábola. “Ainda assim, as parábolas, conforme aparecem nos Evangelhos, têm alguns elementos inegavelmente alegóricos, mas esses são a exceção, não a regra.”⁸ É assim cogitado que, mesmo o próprio Jesus, sendo especialista em contar parábolas, não necessitasse do uso das alegorias. É aceito como exceção, e não, regra, que ele tenha utilizado essas ferramentas, sobretudo, quando o próprio explica o contexto e significado do que acabara de ensinar. “Assim, as interpretações esporádicas explícitas de parábolas nos Evangelhos são exceções acrescentadas à prática usual de Jesus e elas não devem ser consideradas normativas.”⁹ E ainda: “Além dessa pequena quantidade de alegorias, a maioria das parábolas e a maioria das partes de cada parábola estão entre os ditos mais indiscutivelmente autênticos de Jesus

⁶ BLOMBERG, C. L., Interpretando as parábolas, p. 18.

⁷ BLOMBERG, C. L., Interpretando as parábolas, p. 18.

⁸ BLOMBERG, C. L., Interpretando as parábolas, p. 19.

⁹ BLOMBERG, C. L., Interpretando as parábolas, p. 19.

nos Evangelhos.”¹⁰ Essas se diferenciam da igreja primitiva, que não ensinava por parábolas, e dos rabinos, que, quando as utilizavam, se atinham a explicar a lei, sem oferecer novas reflexões e propostas a seus interlocutores e ouvintes. Isso torna as parábolas de Jesus diferenciadas em vários aspectos que as colocam como autênticas formas do mestre ensinar.

No continente Africano, os griots e as griots transferem os conhecimentos milenares de seu povo, regras de convivência, cultura, “moral” e “filosofia” – põe-se as aspas nos termos por não se tratar de conceitos inerentes ao pensamento africano, mas ao pensamento grego, utilizando-se meramente por questões didáticas e de compreensão – para que as novas gerações possam construir a vida e manter a comunidade.

Jesus se diferencia dos seus colegas rabinos e, posteriormente, da igreja que se cria a partir do seu movimento, por usar esse mesmo modelo, essa mesma metodologia para falar do Reinado de Deus, para entregar as bases estruturantes para a vida plena que ele viria a mencionar e que fora registrada em Jo 10,10.

Nesse sentido, Jesus acrescenta ao modo de viver de sua época, uma nova forma de interpretar a vida, um novo paradigma, uma nova tradição que se baseia nas premissas apresentadas por sua oralidade na contação das parábolas. Pode-se dizer que, supostamente, Jesus acrescenta a ideia de metalinguagem ao seu ministério – apesar de não lhe ser um conceito contemporâneo. Ao partir do entendimento da semiótica, pode-se identificar a relação entre “significado” e “significante”, em que o signo perde o seu significado intrínseco, que lhe seria imputado arbitrariamente, e, ostentando uma vacância, ganha status de significante puro que “situa-o como elementar atividade vocal, sem significação”,¹¹ dando, assim, a possibilidade de atribuir-lhe novo significado e ser usado como ferramenta para condução de uma mensagem que amplia a possibilidade de interpretações e entendimentos quanto ao objetivo central da mensagem, da contação.

Elizabet Mburu elabora que Eugene Hillman refletiu profundamente sobre a necessidade de uma hermenêutica africana que levanta questões diferentes, enquanto uma hermenêutica, de outro território, não o pode fazer, dizendo que:

Ele propõe que a melhor maneira de comunicar a doutrina cristã na África envolve o que ele denomina de *modelo incarnacional*, usando “instrumentos culturalmente apropriados da graça salvífica de Deus” [...] Essa abordagem para destravar a compreensão africana dos textos bíblicos não é nova. O próprio Jesus realizou isso. Ele também usou elementos de sua cultura para ensinar, passando do conhecido para o desconhecido, principalmente em suas parábolas.¹²

1.2. Um novo modo de interpretação

Blomberg apresenta cinco argumentos para que a alegoria seja observada se, de fato, apresenta-se como melhor modo de interpretação das parábolas de Jesus. São eles:

¹⁰ BLOMBERG, C. L., Interpretando as parábolas, p. 19.

¹¹ BEZERRA FILHO, A. R., Significante Puro e Gozo n’a Causa Secreta de Machado de Assis, p. 143.

¹² MBURU, E., Hermenêutica Africana, p. 24.

- 1- O método alegórico de interpretação surgiu no início da história da igreja em consequência da influência da filosofia grega e foi amplamente aplicado a todos os trechos das Escrituras como substituto de uma interpretação literal e mais legítima do texto;
- 2- O método alegórico ignora o realismo, a clareza e a simplicidade das parábolas;
- 3- Vestígios de alegorias que de fato ocorrem nas parábolas dos evangelhos podem ser atribuídos à imposição, pela igreja primitiva, do tema do “segredo messiânico” à tradição sobre Jesus;
- 4- Estudos sobre a transmissão da tradição oral demonstram a tendência à alegorização das parábolas à medida que seu contexto original foi logo sendo esquecido;
- 5- A alegoria é uma forma inferior de retórica, indigna de Jesus, o qual, em vez disso, era um mestre da metáfora.

Dessa forma, o autor ensina a reflexão de que a interpretação das parábolas de Jesus não estava para a comparação direta entre significados, mas, como dito anteriormente, o significante puro ocupava esse lugar de trazer do conhecido para o desconhecido, para usar a categoria proposta pela Dra. Mburu; e Blomberg vai alicerçar essa ideia dizendo que:

Como a alegoria codifica em uma série relativamente estática de comparações o que seu autor deseja comunicar, a interpretação da alegoria não é tão irrestrita quanto a de uma história metafórica, que justapõe dois objetos basicamente diferentes (e.g. o reino de Deus e uma semente de mostarda) e na qual as linhas possíveis de comparação não são tão claras ou limitadas. Jesus, como mestre por excelência, não teria explicado as coisas em detalhes de forma tão simplista.¹³

Desse modo, Blomberg aponta que “está claro, portanto, que, entre os estudos recentes de parábolas, ainda há muito trabalho a ser feito na tentativa de separar o joio do trigo”.¹⁴

Com essa contextualização, buscar a contribuição de Donahue é necessário para que se possa alcançar o ferramental para cumprir a tarefa de identificar a metodologia usada por Jesus na abordagem de seus ensinamentos através de parábolas em Mateus e Marcos. Como dito anteriormente, iniciando pelo evangelho de Marcos.

Levando em conta que o livro consultado do autor mencionado se encontra no idioma espanhol, aponta-se aqui que as citações serão feitas através de uma tradução livre das mesmas.

O autor, em primeira instância, propõe três formas através das quais se possa interpretar parábolas, sendo elas “como texto”, “como narração” e “como contexto”. Aqui, neste artigo, se trabalhará a análise do contexto das parábolas, e essa se dará através da investigação metodológica de Jesus ao propor as parábolas como seu principal mecanismo

¹³ BLOMBERG, C. L., Interpretando as parábolas, p. 24.

¹⁴ BLOMBERG, C. L., Interpretando as parábolas, p. 26.

de ensino sobre o Reino, ou melhor, Reinado de Deus.

2. Parábolas em Marcos

Iniciando pelo capítulo 4 de Marcos, apresenta-se, então, a parábola dita do sementeiro, mas que, de início, tem-se esse título como questionado pelo simples fato de, segundo Donahue, o sementeiro não ser o protagonista da contação em nenhum momento, e sim, a protagonista em questão não ser outra senão a sementeira, o processo e suas consequências. Assim, o melhor modo de referência à mesma seria “A Parábola da Sementeira”.

Nessa esteira, pode-se encontrar um grupo de parábolas unido pela característica da sementeira constante em Mc 4,3-9; Mt 13,3-9; Lc 8,5-8.

Passando a abordar a metodologia das parábolas de Jesus pela parábola da sementeira, Donahue nos apresenta a metodologia usada pelo mestre em sua aplicação:

O primeiro deles, o sementeiro, pinta um quadro aparentemente simples e idílico, narrado em linguagem popular tradicional, com mínimo de detalhes e com repetição para causar efeito. De uma forma que parece casual, o sementeiro espalha a sua semente.¹⁵

Nisso, consiste a metodologia para esse quadro de parábolas: a linguagem acessível àquele público com elementos que lhe eram familiares, a ausência de complexidade, um ritmo apontando para uma progressão e a abertura de uma passagem para a multiplicidade de reflexões sobre o Reinado de Deus. Como dito anteriormente, o significante perde seu significado e se torna a ferramenta que conduz do conhecido ao, até então, desconhecido.

Nessa mesma metodologia, pode-se encontrar, então, as parábolas:

- A semente que germina por si só;
- O grão de mostarda;
- Parábola dos vinhateiros assassinos.

Com a última parábola mencionada, que se encontra no capítulo 12, e não mais no 4, parece que Marcos segue o que Jesus tendia encaminhar. Uma transição entre a narrativa sobre ele mesmo, o Cristo, enquanto sinaliza e apresenta o Reinado de Deus através de uma linguagem simples e rural – e Marcos aproveita isso para apresentar sua cristologia – para passar a um momento mais reflexivo e que, de primeira vista, não parece mais ser para o grande público, mas passa a ser dirigido para um público específico, ao grupo da *ekklesia*. Vê-se, então, algo que aponta também a presença do autor trazendo o texto para a compreensão do seu público. Observa-se, aqui, Marcos trabalhando junto com Jesus no texto – metodologia exercitada mais por Mateus, como será visto.

Aqui, denota-se que Jesus se dirige aos discípulos e inicia um ensino mais escatológico. Começa a entrar num ambiente de maior complexidade reflexiva, diminuindo o uso das figuras rurais, mesmo ainda os usando, para imprimir uma escatologia com outros elementos agora presentes nas duas últimas parábolas em Marcos,

¹⁵ DONAHUE, J. R., El evangelio como parábola, p. 51.

que se encontram no capítulo 13. A comparação entre o conhecimento sobre a natureza e seus tempos fica mais aparente, coisa que ficava mais didática com os ritmos nas primeiras parábolas.

Essa transição é mais visível na parábola seguinte “Vigiar para não ser surpreendido” (Mc 13,33-37), na qual as figuras são do ambiente doméstico, acessando outros conhecimentos e conectivos na mente dos ouvintes. Esses conectivos exigem que os mesmos façam comparações e reflexões que não foram solicitadas com as parábolas anteriores. Apontando, assim, não apenas o ensinamento sobre o Reino de Deus, mas, agora, uma visão escatológica.

3. Parábolas em Mateus

Já no evangelho de Mateus, nem todas as parábolas que estão em Marcos são repetidas, mesmo esses dois evangelhos sendo parte dos sinóticos. É importante considerar que Mateus apresenta um número maior de parábolas do que se pode encontrar nos registros de Marcos, fazendo relação com registros de Lucas, o que amplia a reflexão para outras ferramentas documentais que possam ter sido usadas nesse caminho de redação.

Obviamente, sendo mais complexo e extenso o trabalho de abordar cada parábola contida em Mateus, e ainda pela constante presença dos ditos parabólicos em seu registro, aborda-se aqui, de forma geral, como em Marcos, a metodologia de Jesus que é captada por Mateus para comunicar a seu público leitor.

Nesse sentido, a primeira percepção metodológica é a de comunicação do ensino a partir dos elementos familiares ao povo. Essa era a maneira comum de Jesus. Mais uma vez, emerge aos olhos do leitor e da leitora as características de Jesus como um autêntico mestre griot, que aproxima o aprendizado com as questões que são familiares, comum ao povo. Contudo, é necessário perceber que ele tinha mais de um público ouvinte. Ora estava falando ao povo, ora aos seus discípulos e, em outros momentos, aos líderes religiosos e mestres do judaísmo. A cada público Jesus destinava um tipo de adequação de suas narrativas. Isso deixa uma percepção muito presente que faz o pesquisador observar que há a metodologia de Jesus e há também a metodologia do autor do evangelho, que irá reforçar, mediante a característica de seu público leitor, uma ou outra ênfase no discurso do mestre para alcançar os objetivos de aprendizagem esperados.

O primeiro está se comunicando com o público ouvinte em tempo real, com suas reações, demandas e contradições que podem ser lidas e, de alguma forma, tratadas no momento presente, quando esse tratamento contribui para o ensino planejado pelo mestre. Já o segundo atua com um público leitor, ao qual destina uma metodologia específica. Talvez, por essa aptidão de Mateus, ou mesmo interesse, ele tenha observado que o discipulado de Jesus está latente e, assim, se dirige aos seus discípulos mais diretamente.

Mateus funciona como uma fonte secundária para a pesquisa de seu público, de forma que aproveita para carregar o texto do que o mestre ensinara com aspectos que parece julgar pertinentes aos que o leem. Mateus, diferente de Marcos, que relatava uma fala mais direta às pessoas simples e a partir de construções do seu dia a dia, relata os textos como quem fala à igreja, aos mais afeitos às formas mais estruturadas, como os que falavam ou entendiam a língua grega, por exemplo.

A Bíblia de Jerusalém, na introdução aos evangelhos sinóticos, dos quais Mateus é

o primeiro, entrega que “Jesus é o Filho de Deus, o Emanoel, Deus conosco”,¹⁶ apresentando termos que mais se relacionam com o ambiente religioso do que com o ambiente comum ao povo. Já a Bíblia de Estudo da Fé Reformada, na introdução do evangelho de Mateus, entrega que “como um coletor de tributos que trabalhava na Galileia e que interagia com os súditos judeus e com os oficiais romanos, Mateus seria bilíngue ou até mesmo trilingue (aramaico, grego e Latim)”.¹⁷ Isso também caracteriza a erudição encontrada nas parábolas em Mateus, frente às que estão em Marcos.

Nesse sentido, como não se tem acesso ao momento da contação da parábola enquanto Jesus a profere, precisa-se contar com a observação a partir dos olhos de Mateus. Nisso, Mateus destina algumas características específicas que podem ser comparadas às já percebidas em Marcos anteriormente.

Segundo a contribuição de Donahue, o método usado por Mateus amplia as dimensões dos signos e imagens apresentados por Jesus nas parábolas:

- Uma incidência de muitas parábolas dramáticas;
- Grandes escalas, por exemplo: um arbusto se transforma em uma árvore, o tesouro e uma pérola excedem qualquer valor. Ou seja, fica nítido em Mateus o que chamamos de hipérbole como ferramenta literária;
- No uso das alegorias, Mateus as tem como ferramenta para trabalhar outra técnica literária que seria o contraste, a antítese de forma a tornar nítida sua inclinação para a literatura apocalíptica.

Em Mateus, então, está muito presente o modo de usar o significante puro, dito anteriormente. Ele retira, esvazia o significante de seu sentido primeiro e lhe atribui novo sentido, ou o amplia para a composição do ensinamento proposto. Essa parece ser uma característica muito presente de Jesus no texto das parábolas. Porém, quanto à formação e entrega do exposito acima, não é possível determinar se essa decisão é de Jesus ao proferir a parábola, ou de Mateus ao registrá-la. Fica somente um indício de que possa ser Mateus, pois, como já visto, uma hortaliça, em Marcos, transforma-se no “maior dos arbustos, uma árvore” (Mc 4: 32)¹⁸ em Mateus, indício de sua tendência hiperbólica.

Conclusão

Por fim, porém, não concluindo, afinal de contas, estar continuamente em formação significa reconhecer o estado constante de inconclusão. Pode-se pensar em algumas observações e aprendizados neste breve estudo sobre as parábolas de Jesus em Mateus e Marcos. Jesus sempre desafiava o óbvio posto pela racionalidade e, enquanto os rabinos não ofereciam novas reflexões, ele contestava o que estava posto e parecia exercitar, propositalmente, as mentes de seus ouvintes com reflexões novas e desafiadoras.

Fazendo essa leitura, a partir da perspectiva trazida neste artigo, é possível se imaginar sentado/a aos pés do mestre e vislumbrar que toda a Criação é matéria prima para

¹⁶ Bíblia de Jerusalém, p 1691.

¹⁷ SPROUL, R. C., A Bíblia de Estudo da Fé Reformada, p. 1666.

¹⁸ Bíblia Sagrada Almeida - Século 21, 2007.

que Jesus apresente os parâmetros do Reinado de Deus. Isso, independentemente de para qual público estava se dirigindo; como bem coloca Blomberg, ele é um mestre das metáforas. Com essa característica, deixou espaço para que os escritores dos evangelhos pudessem enfatizar aspectos que dialogassem melhor com seus públicos leitores.

Como um mestre griot, Jesus empenhou-se em falar do seu território, a Palestina, mas colocou-se a ensinar sobre o Território do Reinado de Deus e entregar os princípios relacionados ao plano salvífico de Deus. Sabendo que haveria coisas que não seriam reveladas de imediato, suas parábolas possibilitariam uma imensa gama de interpretações que serviriam para o chão da vida de quem desse atenção, ouvidos e o coração para suas palavras.

O presente texto entrega, então, que, seja falando ao povo simples da Palestina através de Marcos com suas ênfases dos aspectos rurais, ou através de Mateus na erudição aos ouvintes de outros idiomas no império, ou mesmo aos discípulos internos à igreja primitiva, Jesus sinaliza que o Reino de Deus houvera chegado quando o Filho de Deus decide encarnar como rei, através da contradição, num menino negro e periférico de Nazaré.

Referências bibliográficas

BEZERRA FILHO, Arnaldo Rodrigues. **Significante Puro e Gozo n'a Causa Secreta de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA Sagrada Almeida - Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2007.

BLOMBERG, Craig L. **Interpretando as parábolas**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2021.

CONE, James H. **Teologia Negra**. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

DONAHUE, John R. **El evangelio como parábola: metáfora, narrativa y teología en los evangelios sinópticos**. Bilbao: Mensajero, 1997.

FLORES, Elio Chaves. **Visões da África, cultura histórica e afro-brasilidades**. João Pessoa: UFPB, 2022.

MBURU, Elizabeth. **Hermenêutica Africana: contribuições da riqueza intelectual e cultural da África para o entendimento da fé cristã**. São Paulo: Quitanda, 2023.

MELO, Marilene Carlos do Vale. A figura do Griot e a relação memória e narrativa. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (Orgs.). **Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. 1. ed. Natal, RN: Lucgraf, 2009. p. 148-156. Disponível em: <https://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/11/griots_livro.pdf>. Acesso em: 14/03/2025

PANNENBERG, Wolfhart. **Jesus God and Man**. Londres: Hymns Ancient & Modern Limited, 2013.

SPROUL, Robert Charles. **A Bíblia de Estudo da Fé Reformada**. Barueri: Ligonier Ministries, 2021.

Josias Vieira do Nascimento Junior

Doutorando em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco

Bolsista CAPES

Recife / PE – Brasil

E-mail: josias.v.kaete@gmail.com

Recebido em: 22/01/2024

Aprovado em: 18/06/2025